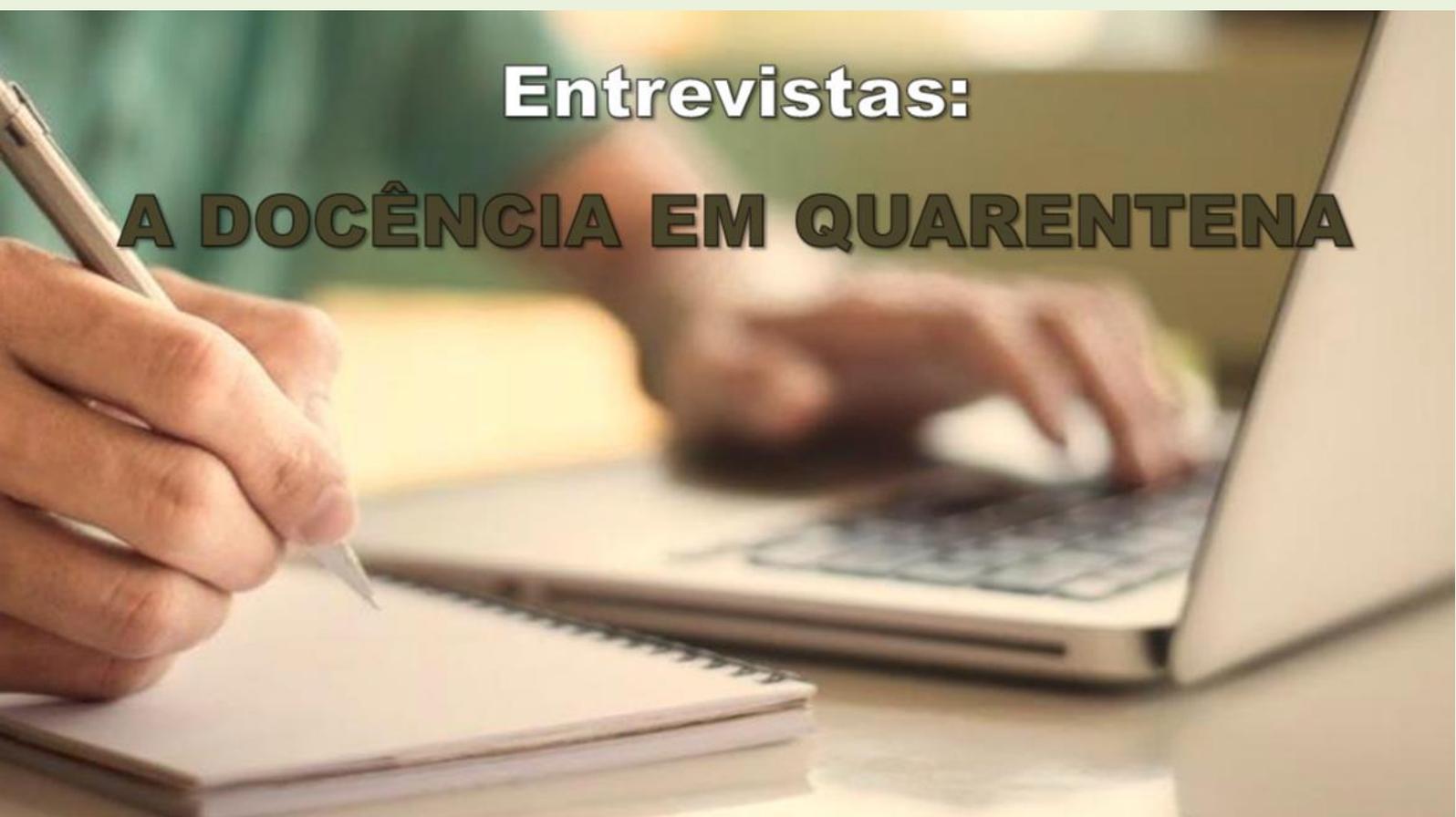


CADERNOS DA AINPGP

Edição 1: Junho/2020



Entrevistas:

A DOCÊNCIA EM QUARENTENA

Organizador:

Alexandre Martins Joca

 **EDIÇÕES
AINPGP**

INSTITUIÇÃO REALIZADORA:

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

DIRETORIA

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Presidente)

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (Vice-Presidente)

Profª Drª. Maria Lucia Pessoa Sampaio (Secretária)

Prof. Dr. Afonso Welliton Sousa do Nascimento (Suplente de Secretário)

Profª Drª. Francicleide Cezário de Oliveira (Tesoureira)

Profª Msª. Maria Eridan da Silva Santos (Suplente de Tesoureira)

CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)

Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)

Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)

Profª. Drª. Ciclene Alves da Silva (UERN)

Profª. Drª. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)

Profª. Drª. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)

Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UEPB)

Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)

Profª. Drª. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)

Profª. Drª. Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)

Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERJ)

Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)

Profª. Drª. Kássia Mota de Sousa (UFCEG)

Profª. Drª. Maria da Paz Cavalcante (UERN)

Profª. Drª. Maria Eliete de Queiroz (UERN)

Profª. Drª. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)

Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)

Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCG)

Prof^a. Dr^a. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)

Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)

Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFSM)

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)

Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)

Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)

Prof^a. Dr^a. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)

Prof^a. Dr^a. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)

Prof^a. Dr^a. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação de responsabilidade assumida pelos autores foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, constituído pelos profissionais que fizeram parte do CONSELHO CIENTÍFICO e convidados, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que o FIPED, por seu comprometimento com os conteúdos da ciência, toma por preceito ético o atendimento das normas para publicação determinadas pela CAPES.

Arte final da capa e Projeto Gráfico

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

Editoração

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Cadernos da AINPGP. Entrevistas: a docência em quarentena. / Associação Internacional de Pesquisa na Graduação. Organizador: Alexandre Martins Joca. – 1. ed. - Cajazeiras, PB: AINPGP, 2020.

Vários autores

ISBN: 978-65-87527-01-7

1. Educação. 2. Docência. 3. Entrevistas. 4. Pandemia I. Associação Internacional de Pesquisa na Graduação. II. Joca, Alexandre Martins.

Biblioteca Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas – UERN/ Pau dos Ferros
Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

CADERNOS DA AINPGP

A Coleção “*Cadernos da AINPGP*” é uma iniciativa da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP. Associação voltada ao desenvolvimento articulado entre ensino, pesquisa e extensão na Graduação e em Pedagogia/Educação e áreas afins, através de uma rede de IES nacionais e estrangeiras.

Os “Cadernos” têm como objetivo promover o intercâmbio entre discentes/docentes pesquisadore(a)s e outros parceiros da Pedagogia/Educação e áreas afins, sob forma de publicação, no intuito de informar, socializar e democratizar o conhecimento acadêmico produzido por docentes e/ou discentes na graduação e/ou pós-graduação, de IES brasileiras e/ou estrangeiras.

Por constituir-se como mais uma ação de efetivação do caráter de “rede” da AINPGP, a cada edição, reúne a produção científica ou reflexões educacionais de docentes e/ou discentes de diferentes instituições e/ou regiões do país, podendo dialogar com educadore(a)s da Educação Básica, de Movimentos Sociais e de instituições estrangeiras.

Cada edição consiste na publicação sobre uma temática que envolva o ensino, a pesquisa e a extensão. Quanto ao formato textual, pode-se optar por um gênero textual de acordo com seu propósito, com a temática e/ou o campo de atuação, a exemplo: entrevistas, artigos de opinião, relatórios de atividades de pesquisa, ensino e extensão, relatos de experiência, ensaios acadêmicos, entre outros. O imprescindível é que os “Cadernos da AINPGP” promovam a interação entre saberes, àquele(a)s que os produzem e suas respectivas instituições.

CADERNOS DA AINPGP

Entrevistas: A docência em Quarentena

Edição 1: Junho/2020

CADERNOS DA AINPGP

1ª Edição: A Docência em Quarentena

APRESENTAÇÃO

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

A Associação Internacional de Pesquisa em Pedagogia na Graduação - AINPGP entende como oportuno promover o diálogo e a interação entre professore(a)s, vislumbrando a pluralidade de experiências locais. Assim, acreditamos contribuir com um processo de aprimoramento das práticas pedagógicas e de superação dos desafios enfrentados por docentes e discentes no contexto de isolamento social.

Esta 1ª Edição dos *Cadernos da AINPGP*, intitulada *“A docência em quarentena”*, reúne entrevistas que têm como eixo educativo a socialização de realidades educacionais distintas e os modos como docentes (que atuam na Educação Básica ao Ensino Superior) percebem

os obstáculos, desafios e alternativas pedagógicas impostos pelo isolamento social. As narrativas apontam também as formas como professore(a)s se percebem (como profissionais e como sujeitos) frente aos atuais dilemas de educar em isolamento social. Dessa maneira, os “Cadernos” não se propõem à produção de uma análise das narrativas docentes, mas a se constituir como um espaço de registro e socialização de seus fazeres e de suas compreensões sobre o atual cenário educacional.

A coletânea reúne entrevistas realizadas com professore(a)s atuantes nos seguintes estados e instituições educativas: Alagoas (Universidade Federal de Alagoas - UFAL), Bahia (Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB - *Câmpus* dos Malês/BA), Ceará (Rede de Ensino Municipal de Maracanaú), Rio Grande do Norte (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN), Piauí (Universidade Federal do Piauí - UFPI), Paraíba (Rede de Ensino Municipal de Cajazeiras), Pernambuco (Rede de Ensino Municipal de Ouricuri), São Paulo (Universidade Estadual Paulista - UNESP).

Nesse contexto, questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas; sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção do ensino remoto; a carência de um posicionamento e direcionamento do Ministério da Educação; o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades, entre outras questões educacionais emergentes, são postos em debate por educadores e educadoras.

SUMÁRIO

	Introdução - Educação a distância (EaD) e ensino remoto: narrativas e pragmatismos em quarentena	
	<i>Alexandre Martins Joca</i>	11
I	Entrevista - A pandemia e o desafio de educar incluindo	
	<i>Kamila Sousa</i>	17
II	Entrevista - Intranquilidades da docência em quarentena	
	<i>Lucineia dos Santos</i>	22
III	Entrevista - Assimetrias, resistência e consciência política	
	<i>Letícia Carolina Nascimento</i>	28
IV	Entrevista - Ensino remoto na zona rural e a possibilidade de perdas	
	<i>Natália Coêlho Bagagim</i>	33
V	Entrevista - A educação e as nuances de raça, classe e gênero	
	<i>Idalina M Almeida de Freitas</i>	37
VI	Entrevista - Interação família/escola no ensino remoto	
	<i>Irene Rodrigues do Nascimento</i>	41
VII	Entrevista - O futuro no campo do 'é possível'	
	<i>Anderson da Silva Almeida</i>	53
VIII	Entrevista - Quando a alternativa é reduzir danos	
	<i>Maria Stela Maioli Castilho Noll</i>	60
IX	Entrevista - Ausência de políticas públicas e desigualdades	
	<i>Conceição Vasconcelos Pereira</i>	64

CADERNOS DA AINPGP

Entrevistas: A docência em Quarentena

Edição 1: Junho/2020

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EaD) E ENSINO REMOTO:

narrativas e pragmatismos em quarentena

Nos últimos meses, a pandemia do COVID-19 tem inflamado, entre educadore(a)s, professore(a)s e demais profissionais da educação, uma polêmica questão educacional discutida desde os anos de 1990: a educação a distância (EaD) via novas tecnologias. De lá para cá já se passaram três décadas e estamos a revisitar esse debate, a meu ver, entre antigas e novas narrativas, sobretudo, sob a permanente suspeita em torno da eficácia dessa modalidade (ou estratégia metodológica) de ensino aprendizagem, para não dizer, sob o olhar incrédulo de alguns sobre ela.

O fato é que de lá pra cá os tempos mudaram (como dizem os mais velhos e sábios), mas as metodologias de ensino pouco se modificaram no que tange as estratégias adotadas em escolas e universidades. O mesmo não podemos dizer sobre as possibilidades tecnológicas de comunicação,

interação, socialização e democratização do conhecimento. Se nos anos de 1990, para alguns, a TV se mostrava como uma possibilidade para a transmissão de saberes escolar e, portanto, como um instrumento possível de contribuir no cotidiano das escolas, hoje, os equipamentos portáteis (computadores, celulares, *tablets*, *lpad* etc., via a rede mundial de computadores, a internet), apresentam um leque de múltiplas escolhas que vão de vídeo-aulas às *lives*; dos recursos audiovisuais ao acesso aos variados conhecimentos produzidos no Brasil e no mundo; dos *sites*, blogs e aplicativos educativos àqueles possíveis de adaptação a esse propósito. No entanto, a EaD e o ensino remoto pouco avançaram nesse sentido, ou seja, na prática, pouco nos apropriamos desse potencial em favor da aprendizagem dos nossos educando(a)s.

Ora, se na atualidade é inevitável reconhecermos a afirmativa de que nas últimas décadas as tecnologias transformaram nossos modos de vida, nossas relações de trabalho, afetivas, profissionais, pessoais, *por que ela ainda ocupa o lugar da suspeita (da incredibilidade) quando a situamos no campo de educação?* Estou certo de que não vou responder aqui a esse questionamento, tão pouco creio em uma resposta pronta, simplista, dada as complexidades impostas, mas penso que podemos aproveitar esse momento para problematizarmos a nossa resistência à temática que se arrasta por décadas.

Desde os anos de 1990, muitos são os argumentos elaborados no intuito de mantê-la sob o crivo da ineficácia ou inadequação à nossa realidade: a desigualdade de acesso às tecnologias; a carência de estrutura adequada, em especial, em escolas e universidades públicas; a possibilidade do esvaziamento do papel docente no processo de ensino-aprendizagem; a necessária interação em tempo real entre aluno(a)s e/ou aluno(a)s/professore(a)s, entre outros. Alguns desses, se veem

obsoletos dadas as possibilidades atuais de interação simultânea ou pela extensa capacidade de alcance e de acesso às novas tecnologias, mesmo sabendo que em alguns (ou muitos) casos, a excelência ao acesso a essas novas tecnologias ainda é questionável. Quanto às desigualdades e a carência de estrutura de escolas e universidades para o uso de equipamentos tecnológicos, essa parece ser uma realidade inquestionável, no entanto, imagino que o caminho sensato seria a reivindicação de políticas públicas que viabilizassem o acesso a todos e todas. Penso que o calcanhar de Aquiles passa por questões que transbordam o universo educacional: a nossa (in)disponibilidade a rupturas socioculturais via práticas educativas.

Talvez nossa resistência à EaD e mesmo ao ensino remoto, encontre uma justificativa sociológica quando observamos nossa herança sociocultural autoritária, opressora, na qual os processos de aprendizagem foram constituídos sob a premissa de que o/a educando deva estar, no decorrer de sua formação intelectual, constantemente sob o crivo da ordem, do receio, da punição

vinda do docente. Este, a vigiar-lhe atentamente, pronto para castigá-lo em tempo real. O “vigiar e punir” foucaultiano. Afinal, a estrutura, a estética, a arquitetura, o ornamento, o organograma tradicional das instituições educativas foram minuciosamente elaborados sob essa lógica da disciplina dos corpos, dos sujeitos, e porque não dizer, da disciplina da aprendizagem.

É possível que o ponto nevrálgico para a resistência a EaD e ao ensino remoto esteja no receio à subversão a esta ordem, apesar de nela (na EaD) o controle se refazer, mas por outras lógicas, outros mecanismos, outros modos e instâncias disciplinares. A EaD atribui ao educando um potencial de autonomia significativo sobre sua formação de maneira mais sistemática, ao romper, no pragmatismo da aprendizagem, com o modelo até então instituído. Seria, pois, a possibilidade de uma “pequena revolução”.

De repente, não estamos incrédulos quanto ao potencial educativo das novas tecnologias, como alguns insistem em afirmar, mas resistentes à ruptura cultural da

qual estivemos e nos mantemos reféns.

Em tempos de distanciamento social, frente à impossibilidade da educação presencial, estamos coagidos a retomar essa questão e a, talvez, iniciarmos um processo de adoção de práticas pedagógicas em EaD e/ou ensino remoto. O desafio está posto de maneira compulsória, uma vez que nessas três décadas as ações em EaD adotadas foram tímidas. Daí a aparente fragilidade demonstrada por muito(a)s professore(a)s frente a emergência de uma prática pedagógica em ensino remoto emergencial.

É óbvio que devemos reconhecer e considerar as circunstâncias nada apropriadas que a pandemia do COVID-19 impôs às instituições educacionais, aos discentes e docentes. No atual contexto, sem tempo hábil para a efetivação da etapa necessária e imprescindível à formação do(a)s profissionais, assim como para um planejamento pedagógico que defina metodologias e estratégias de abordagem a serem adotadas, acredito que a escuta de professore(a)s de escolas e

universidades brasileiras pode nos ajudar a compilar questões pertinentes à superação dos desafios e dos obstáculos enfrentados.

Tenho observado que, mesmo neste cenário, por vezes, os velhos argumentos dos anos de 1990 são ressuscitados como uma cortina de fumaça a nos vendiar os olhos, tentando nos convencer de que nada podemos fazer, se não, submeter a EaD a um constante devir; a espera de um contexto ideal (utópico) para sua efetivação.

Se as circunstâncias sociais e pedagógicas se mostram pouco adequadas à adoção de práticas de EaD ou ensino remoto por educadore(a)s que, em parte, sequer confiam em sua eficácia, e tão pouco se sentem confortáveis à sua implementação, a adoção de uma postura negacionista me parece, da mesma maneira, pouco contribuir para uma possível alternativa à continuidade satisfatória dos processos de ensino-aprendizagem.

Sem pretensões de elaborar uma análise apurada das entrevistas que compõem esta coletânea vou restringir-me em

tecer neste texto algumas questões que me pareceram destacar-se nas narrativas docentes.

Em termos de realidade brasileira, já é possível vislumbrar algumas consequências resultantes da pandemia do COVID-19 para a educação. Algumas questões se mostram evidentes: a primeira está no contraponto que a pandemia traz aos ataques sofridos nos últimos anos pela Universidade e pela Ciência. Isso porque é da ciência e do(a)s cientistas que se espera a alternativa única de resposta à crise sanitária.

No âmbito das políticas educacionais, em meio a sucessivos golpes concretizados por uma política de sucateamento orçamentário e moral das universidades, em especial, no campo da pesquisa, a pandemia descortina a relevância do saber científico e apresenta a precariedade vivida em laboratórios, hospitais e centros de pesquisa das universidades brasileiras.

Em um contexto de ameaças constantes a professore(a)s e instituições educacionais, à liberdade do pensamento e ao ensino comprometido com a práxis educativa, a tarefa de ensinar em casa, imposta

pela pandemia à pais e/ou responsáveis pelas crianças – e proposta ventilada pelo Governo Federal antes do advento da COVID-19 – desconstrói a narrativa simplista de desvalorização da pedagogia e do trabalho docente.

Outra consequência é a percepção acerca da emergência em retomarmos a discussão sobre a necessária “reinvenção” de nossos modos de ensinar e de aprender, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Uma reinvenção que diz respeito à apropriação das novas tecnologias e ao desafio de educar com equidade, com destaque para as questões de classe, de gênero e de raça. Com a pandemia, as desigualdades parecem tomarem cores fortes na sociedade e nas instituições educativas.

Nesse momento, os fazeres docentes parecem diversos, dados os múltiplos contextos circunstâncias que um país continental e desigual como o Brasil apresenta às práticas educativas.

As incertezas quanto a eficácia do que se está implementando emergencialmente, ou mesmo sobre a ausência de ações emergenciais,

atravessam as narrativas docentes e constroem um campo fértil para futuros estudos e pesquisas.

As expectativas sobre as consequências da pandemia do COVID-19 para a educação são de perdas para o ensino-aprendizagem. Isso porque, historicamente, o ensino se constitui como uma prática pautada constantemente no planejamento, na avaliação, na análise contextual e na validação dos procedimentos elaborados.

No entanto, frente à imprevisibilidade das circunstâncias vividas na pandemia, caminha-se sob a premissa do “possível para o momento”, sob um campo minado de incertezas, onde o tempo e as circunstâncias atropelam o organograma pedagógico habitual. É perceptível, também, suposições em torno de futuras mudanças nas práticas educativas que venham a construir respostas a eventuais novas pandemias.

É evidente que o cenário educacional em pandemia caminha fora da curva do cotidiano educacional. No entanto, com exceção para o debate sobre o exercício do ensino em isolamento social, a

pandemia parece não trazer questões novas, mas acentuar debates e conflitos ideológicos, políticos e pedagógicos já existentes há algum tempo no Brasil.

Nos últimos tempos, com retrovisores focados em autoritarismos, fascismos e opressões, o olhar pra frente, para o que nos parece “novo”, é desafiador e

exige de nós a coragem e a disponibilidade à revolução, à “pequena revolução”, no seu sentido mais pragmático do exercício da docência.

Alexandre Martins Joca

UFCCG – Campus de Cajazeiras/PB

Presidente da AINPGP

ENTREVISTA I

Série: A docência em quarentena *A pandemia e o desafio de educar incluindo*

Nesta primeira entrevista, concedida via *whatsapp*, em 22 de maio de 2020, a **Profa. Dra. Kamila Sousa*** fala sobre questões políticas, éticas e pedagógicas, como a reinvenção das nossas práticas, as demandas da universidade e a garantia do direito a educação, alertando-nos para a defesa da educação pública, gratuita, de qualidade e inclusiva.

** Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) atuando no desenvolvimento de pesquisa e extensão sobre Educação do Campo e Juventudes.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao Ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às

regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da

adoção da EaD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

A Pandemia da COVID-19 trouxe muitos desafios para a sociedade como um todo e em várias áreas de atuação, como para a educação e o ensino. Por ser uma situação atípica, nova e também desafiante, buscar desenvolver algumas experiências profissionais nesse período têm exigido de nós, educadores e educadoras, criatividade, vontade de contribuir com a discussão e compreensão do momento, mas principalmente, uma reinvenção de nossas práticas profissionais e sociais. Na instituição que atuo o semestre não foi iniciado. Estamos em um momento de discussão sobre a situação atual e os desafios/riscos de iniciar o semestre remotamente. Há muitas questões políticas, éticas e pedagógicas que devem ser consideradas antes de tomar alguma decisão quanto ao retorno ou não das aulas. Como não estou ministrando aula nesse período de quarentena, eu e os demais docentes

do curso que atuo, temos desenvolvido debates públicos *onlines* sobre a conjuntura educacional atual, estudos temáticos com grupo de pesquisa e extensão, além de outras atividades demandadas pela universidade que não param, mesmo no contexto pandêmico. Realizar essas atividades de forma remota apresenta desafios, como o uso das tecnologias e o diálogo nessas plataformas, de maneira proveitosa e democrática, garantindo a participação de todos/as.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Percebo que a função social da escola e o papel e a importância dos profissionais da educação na formação dos estudantes tem sido as principais questões que o isolamento social tem apresentado para a sociedade, pois tenho visto muitos relatos de famílias que não estão sabendo lidar com as tentativas de ensinar seus filhos e filhas em casa. Além, é claro, dos desafios e limites de ensinar à distância para os que estão buscando alternativas para continuar ensinando. Tem sido também um momento oportuno para que os/as professores

reflitam sobre suas práticas pedagógicas, pois se, educar presencialmente, já se revela desafiante por várias questões, entre elas pela didática desenvolvida pelos/as professores (as) nas salas de aula, educar por meio das tecnologias digitais pode se tornar algo difícil àqueles/as que não possuem conhecimento e formação suficientes para utilizar os recursos digitais para fins pedagógicos. Mas, para outros/as professores/as é uma oportunidade para buscar conhecer, estudar, experienciar novas alternativas de ensino. Muitas experiências de *lives* estão sendo desenvolvidas por diversas universidades e educadores/as pelo país, o que revela o potencial formativo que as plataformas da internet podem oferecer, se seu acesso for democratizado.

“A pandemia nos desafia a educar e incluir de maneira comprometida com uma educação de qualidade e democrática, que possa atender a todos/as, (...) mas também nos exige tomar decisões e entender os impactos que tais decisões podem gerar.”

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

No que se refere à educação, a quarentena tem colocado muitas problemáticas em cena, e não apenas quanto à forma de ensinar (se é eficaz realizar o ensino a distância ou não), mas principalmente sobre a questão de como garantir o direito a educação, a democratização do ensino, a garantia de inclusão de crianças, jovens e adultos e a possibilidade de desenvolver meios não presenciais para continuar os processos de escolarização.

Deparamo-nos com falas e tentativas de apontar caminhos, mas percebo como sendo arriscados alguns discursos que dizem, por exemplo, que a educação e o ensino precisam se adaptar a esse “novo normal”. Considero que tratar a Pandemia da COVID-19 como “novo normal” poderá

gerar a naturalização dos processos de exclusão dos estudantes ao direito a educação pelas possíveis tentativas de adaptação ao contexto. Se as tentativas de adaptação ao dito “novo normal” gerarem mais negações de direitos, não haverá nada de novo, mas a ampliação das desigualdades já existentes de acesso ao conhecimento e a escola, situação que jamais poderá ser tratada como algo “normal”.

A pandemia nos desafia a educar e incluir de maneira comprometida com uma educação de qualidade e democrática, que possa atender a todos/as, contextualizada com a realidade histórica e concreta, mas também nos exige tomar decisões e entender os impactos que tais decisões podem gerar, como por exemplo, não aceitar o retorno das aulas de maneira remota apenas para “cumprir tabela”, e não executar calendários letivos sem que todas as garantias da qualidade de ensino

e inclusão dos estudantes sejam garantidas.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

A instituição que atuo tem demonstrado, até o momento, cautela quanto ao retorno das atividades de ensino a distância. Acredito que pelos desafios que se manifestam para essa possibilidade de retorno. O principal está em não gerar a exclusão de muitos estudantes que não possuem recursos materiais e tecnológicos para continuarem sua formação remotamente, o que causaria grandes impactos para a própria instituição, mas principalmente para a vida dos estudantes.

“Um dos maiores aprendizados que extrairemos desta experiência será o de valorizar e defender os diversos espaços institucionais que já conquistamos, como escolas e universidades.”

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Inicialmente vislumbro a necessidade de aprender com os diversos limites que estamos enfrentando para educar. Aprenderemos com a constante

necessidade que estamos tendo de nos reinventar, reinventar formas de se comunicar e interagir, de construir conhecimentos mesmo distantes. Mas, um dos maiores aprendizados que extrairemos desta experiência será o de valorizar e defender os diversos espaços institucionais que já conquistamos, como escolas e universidades, o que acredito que nos mobilizará a continuar na luta para fortalecer a educação no Brasil, para que se constitua em uma perspectiva democrática e inclusiva.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Acredito que fazer análises sobre os impactos ainda é um pouco precipitado, pois ainda estamos vivenciando a pandemia e não sabemos por quanto

tempo ainda se prolongará essa situação. Mas, é pertinente começar a debater e refletir sobre as consequências que a pandemia gerará nos recursos financeiros destinados a educação pública, como também sobre a qualidade do ensino que foi oferecido (em algumas experiências de ensino domiciliar, de educação remota desenvolvida em alguns lugares de país) nesse período e como essas experiências remotas impactaram os processos de aprendizagem, além de evidenciar como o direito a educação foi ou não garantido nesse contexto.

São muitos desdobramentos, as consequências se manifestarão a cada novo dia e, mesmo diante dos desafios que virão, será preciso nos manter alertas na defesa da educação pública, gratuita, de qualidade e inclusiva para todos/as brasileiros/as.

ENTREVISTA II

Série: A docência em quarentena *Intranquilidades da docência em quarentena*

Nesta segunda entrevista, concedida via *whatsApp* em 22 de maio de 2020, a **Profa. Lucineia dos Santos*** fala sobre o inusitado contexto de isolamento social; a necessidade de formação docente que incorpore a cultura digital; o contexto socioeducacional em uma zona rural do sertão paraibano e as incertezas sobre as estratégias pedagógicas adotadas, especialmente, na Educação Infantil.

**Pedagoga; Formada pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG – Campus de Cajazeiras/PB); Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Cajazeiras/PB (Zona rural).*

Por Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao Ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo -

enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção da EaD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões

sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

Neste momento, uma das dificuldades para o trabalho docente é a necessidade de trabalhar virtualmente com os alunos. Isso é uma dificuldade porque antes não trabalharmos dessa forma. Então, é algo novo para nós, professores, e novo para os estudantes também. Diante disso, iniciar esse contato virtual com os alunos - do trabalho virtual com orientações, vídeo-aulas etc. - já é uma dificuldade, pois não tínhamos esta prática aqui. Porém, o momento em que vivemos exige a necessidade de aulas não presenciais. No meu entender, enfrentar isso, esse tipo de trabalho com os alunos, já é um grande desafio pra nós educadores! O desafio é o enfrentamento dessa situação! Acredito que o caminho da superação é o aprofundamento, a apropriação do conhecimento pelo professor sobre

“Precisamos nos apropriar da cultura digital porque ela é importantíssima.”

formas diferenciadas de instruir os alunos. Estudar mais sobre os recursos tecnológicos para estarmos preparadas para orientar nossos alunos. A nossa preparação para realizar atividades não presenciais já é um grande desafio, na medida que nos vemos coagidos a estudar mais sobre isso, porque precisamos estudar outras formas de instruir os alunos. Acredito que, assim, nós superaremos esses obstáculos. Entendo isso como superação!

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Duas questões: A primeira é que o isolamento social afeta nossa vida profissional porque tem a questão de não termos o contato pessoalmente com os alunos. E isso é novo pra gente! A segunda é sobre o nosso processo de preparação: o planejamento, a questão sobre nossas dúvidas, nossas formações, nossas orientações como professoras para o direcionamento do ensino. Esse processo também não está sendo

possível de forma presencial e nós estamos tendo que fazer isso através de recursos tecnológicos.

Temos que lembrar que temos que fazer isso estando em isolamento, porque nós também estamos isoladas! Então eu acredito que tudo isso afeta a nossa vida profissional por não termos tido a preparação para essa situação. Precisamos nos apropriar da cultura digital porque ela é importantíssima.

Inclusive, ela está entre as competências da BNCC e a gente precisa, como professora, se apropriar dessas competências para podermos lidar melhor com a questão da

tecnologia e, para isso, podermos direcionar nossas atividades em prol dos alunos. Então, cabe a nós agora fazermos essa reflexão sobre nossa formação como educadora. O que eu preciso? Quais competências necessárias para que eu não sofra tanto diante do que estamos passando?

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Nessa situação de quarentena, eu procuro ficar tranquila, porém não é uma situação fácil nem pra mim, nem para meus colegas. Nós estamos vivenciando uma realidade diferente no nosso trabalho e, é lógico que a gente quer se apropriar das maneiras de lidar com isso. Isso é um desafio pra nós. Não está em sala de aula com os alunos não nos deixa tranquilas. Eu acredito que por mais que possamos

fazer estudos virtuais, isso deixa muito a desejar em relação a aprendizagem dos alunos. Então isso não é fácil! Cabe uma reflexão para nós: Como estamos

formando esses alunos? Eu entendo que na educação básica é mais difícil porque ela requer uma presença maior do professor com o aluno, pelo fato de terem pouca maturidade em relação aos alunos que fazem um curso superior. Esses alunos precisam de mais atenção em termos da presença do professor em sala de aula. Eu acredito que, principalmente, na Educação Básica I é essencial a aula presencial. Tudo isso gera um impacto muito grande em nós que

“Não está em sala de aula com os alunos não nos deixa tranquilas.”

ficamos pensando sobre como está sendo a aprendizagem desse aluno nessas aulas não presenciais.

Então, essa experiência não é tão boa. Nessa situação que estamos vivendo, de quarentena, precisávamos de melhor preparação para contribuir com a educação. Entendo que o sistema educacional deixa muito a desejar. Eu acredito que o sistema educacional tem que nos proporcionar melhores condições para que a nossa formação possa, de certa forma, contribuir na formação do outro através do conhecimento.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Eu trabalho em uma escola situada em um sítio pertencente ao município de Cajazeiras/PB. Sou professora de alunos de classe popular, alunos pobres. De certa forma, esses alunos têm acesso à internet. A escola tem um laboratório de informática, mas atualmente está desativado. Assim, nem alunos e nem professores têm acesso à internet desse laboratório. No entanto, já

existem na escola grupos virtuais onde os alunos tiram dúvidas de disciplinas com professores de áreas específicas. Então, eles têm como ter esse contato. Agora foi feito um levantamento de dados na escola e foi identificado que 70% desses alunos têm acesso a internet em casa. De certa forma, a comunicação que eles têm via internet é através de celulares

e alguns recursos que tem em casa. Então eles têm comunicação virtual com o professor por meio de grupo de *whatsApp*.

A escola tem buscado orientar na elaboração dos

planejamentos, de roteiros de atividades a serem enviados aos alunos. Os gestores têm dado o apoio. A coordenação pedagógica tem trabalhado com orientações como suporte para os professores sobre o direcionamento desse trabalho. Tem orientado sugerindo a elaboração de roteiros de atividades lúdicas, de forma lúdica, que atendam as necessidades dos alunos. Até porque sabemos que eles não têm professores em casa.

“Sou professora de alunos de classe popular, alunos pobres.”

Os professores disponibilizam, também de *whatsApp*, de meios tecnológicos, para em um momento, durante o dia, os alunos tirarem suas dúvidas de acordo com as atividades direcionadas. Por mais que saibamos que alguns têm orientações na família, essas orientações são diferenciadas das orientações do professor. Então, a orientação é que nós tenhamos esse contato virtual com os alunos via recursos tecnológicos (*whatsApp*, *e-mail*).

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

O aprendizado que poderemos extrair dessa experiência é que precisamos cada vez mais nos apropriar de conhecimento para que possamos lidar melhor com as tecnologias. Nós podemos ter essa apropriação de forma qualitativa e, com isso, a partir desses novos aprendizados, possamos melhor direcionar, orientar, instruir os alunos. Eu acredito que é isso que essa experiência deixa pra gente.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Eu acredito que esta pandemia traz um impacto enorme para a educação. Digo isso me referindo às crianças da educação infantil. Por quê? Na educação infantil não tem como elas terem acesso a questão da aula não presencial. Então, isso deixa uma lacuna grande para essas crianças pelo fato de elas não terem a aproximação, o brincar contínuo, não terem as instruções que necessitam na fase delas, no ciclo delas. Nesse momento elas estão impossibilitadas disso! Então, pensar nesse impacto me direciona a pensar principalmente na educação infantil. Por que se essas crianças não puderem está em sala de aula, se elas não podem receber algum tipo de instrução, eu acredito que essa situação causa um distanciamento da criança com a escola e com o professor. E esse distanciamento não é bom e pode gerar uma evasão escolar.

Em casa, os alunos não têm o apoio da família. Então essas aulas não presenciais podem deixar muito a desejar por falta desse apoio. Por mais que eles tenham um celular, ou peguem o celular do pai, de alguém da família – eu acredito que seja assim, na realidade deles –, eles não vão ter

como, por exemplo, tirar uma dúvida com os pais, porque pelo que a gente conhece do histórico dos pais, das famílias, eles não têm como dá instrução, por carência de instrução da própria família. Então pode deixar muito a desejar por não terem essas orientações. A não ser no momento que o professor tiver disponível virtualmente. E o professor também tem uma vida. Diante do que está sendo organizado na escola, a forma como vai ser ensinado, vai ter um momento específico, um horário durante o dia para o atendimento virtual com o professor. Essa é uma

questão importante, porque se não definir isso, os alunos vão ficar o dia inteiro ligando para o professor.

Sobre as formas de avaliação da aprendizagem da educação a distância, acredito que o que pode ser feito, nesse momento, é trabalhar por meio de orientações, no sentido de procurar evitar o distanciamento do aluno, evitar que o aluno se afaste. Eu acho que avaliação não deva ser qualitativa, porque se entendemos a avaliação como um processo, então jamais um aluno pode ser avaliado, nesse momento, em questão de qualidade de aprendizagem.

ENTREVISTA III

Série: A docência em quarentena *Assimetrias, resistências e consciência política*

Nesta terceira entrevista, concedida via *whatsApp* em 25 de maio de 2020, a **Profa. Ma. Letícia Carolina Nascimento***, a partir de seu lugar de fala, lança um olhar para a experiência docente em quarentena sob a ótica da macro e da micropolítica e de suas possíveis consequências no fazer/saber acadêmico.

** Mulher Travesti, Negra e Gorda. Pedagoga e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e doutoranda em Educação pela mesma instituição. É vinculada aos seguintes núcleos e movimentos sociais: NEPEGECI/UFPI, FONATRANS, RIMAS e GPTRANS/PI.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às

regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da

adoção da EaD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

Com as atividades docentes e discentes suspensas, continuo minha rotina como pesquisadora, selecionando e lendo bibliografias e produzindo artigos científicos. Tudo isso, quando é possível! Não podemos desprezar os efeitos sociais do isolamento.

Eu sou uma travesti negra morando sozinha, longe da minha família. Em alguns dias o peso da solidão me devasta, passo o dia inerte, tenho crises de choro. Assistir o noticiário é um horror, especialmente, quando sei que a população de mulheres (cis/trans), de negros/negras e pobre são alvo dessa política de morte executada pelo Estado. Os dados mostram que a violência doméstica contra mulheres aumentou, assim como também cresceu o número de travestis e transsexuais assassinadas. A maior parte das mortes causadas por COVID

são de pessoas negras, parte da população que mais precisa não consegue ter acesso ao auxílio emergencial do governo federal. Outras pesquisas circulam apontando que a produção acadêmica de mulheres caiu, enquanto a dos homens cresceu.

A pandemia fez ficar a olho nu as assimetrias de gênero, classe e raça que nós feministas interseccionais tanto denunciávamos. Como pedagoga, acredito que todas essas questões estão entrelaçadas ao meu saber/fazer docente, fico passando os dias tentando conjugar o verbo esperar, resistir é um ato de rebeldia a esse sistema que me quer morta.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Profissionalmente, o ensino remoto é a grande discussão que todos e todas docentes estamos direta ou indiretamente fazendo. Como professora e também como aluna de doutorado da UFPI, me manifesto contrária ao retorno do ensino por meio de atividades remotas. Pedagogicamente, considero uma

aberração que currículos pensados a partir do ensino presencial se convertam sem adaptações necessárias para ensino remoto. Nossos cursos, tanto na graduação como na pós-graduação, são pensados para a modalidade presencial. É preciso considerar que o ensino remoto possui características específicas. Além do mais, a Educação a distância (EaD) é uma área de ensino e pesquisa, se consideramos que quaisquer um de nós, professores e professoras, possamos, de modo abrupto, adaptar nossos saberes e fazeres para a modalidade EaD, desprestigiamos os profissionais e pesquisadores da área que tanto se esforçam na construção dessa modalidade.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

O desafio que o COVID-19 nos traz não é novo. Há algum tempo

algumas pesquisas vem trazendo questões relacionadas a saúde mental docente tendo em vista que a universidade cada vez mais se apropria de uma lógica produtivista e competitiva nos padrões neoliberais. Mesmo com a pandemia, há uma coerção para que sejamos produtivos.

Afinal, não podemos parar de publicar! Se nossa produtividade cai não conseguimos concorrer em editais que garantam a realização de pesquisa e extensão na universidade. Sem bolsas, nem sempre conseguimos atrair discentes para nossas atividades, pois estes, em grande parte, precisam de condições

materiais pra estar na universidade. Apenas estudar ainda é um privilégio para poucos! Eu acredito que a produção acadêmica não deva ser um fardo, ela faz parte de nossas atividades, o que eu discordo é a rotina competitiva que se instaura, que sobrepõe quantidade a qualidade. Fazer ensino, pesquisa e extensão

Nossos cursos, tanto na graduação como na pós-graduação, são pensados para a modalidade presencial. É preciso considerar que o ensino remoto possui características específicas.

numa lógica capitalística nos afasta de um fazer mais humano, sobra pouco espaço pra cuidar de nossa saúde mental, estando ou não em pandemia, a sobrecarga é massacrante. No que tange aos alunos, acredito que se tivéssemos uma política estudantil mais efetiva, com alimentação gratuita, passe livre para deslocamento, material de referência atualizado nas bibliotecas, internet de qualidade gratuita entre outros fatores, produziríamos melhor.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Na UFPI estamos com as atividades docentes e discentes paralisadas desde de 16 de março, nas duas primeiras semanas as atividades simplesmente foram suspensas. A partir de abril debates sobre possibilidades de retorno do ensino na graduação e na pós-graduação por meio de aulas remotas começaram a circular por meio de consultas feitas à comunidade acadêmica por e-mails e pelo nosso Sistema virtual de atividades acadêmicas. As entidades de representação dos docentes e discentes reagiram fortemente, no

intuito de fazer com que a proposta não ganhasse efetividade, de modo que as atividades permanecessem suspensas, com a exceção da pós-graduação, que retornará no dia 1º de junho. A UFPI tem respondido bem a crise do COVID-19, as aulas foram suspensas antes mesmo que os casos se intensificassem no Piauí, temos um comitê próprio para a gestão da crise, um *site* e uma página em rede social para interagir com a comunidade acadêmica e fornecer informações úteis. Um edital de atividades de extensão está em andamento com o foco em ações de combate a pandemia.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Quando o governo ameaça firmemente realizar cortes em nossos salários, paralisar nossos processos de progressões e promoções na carreira e impor às universidades a pauta de implementação de EaD, esses fatores devem tornar evidente pra nós, o quanto o associativismo político é importante. Se não estivermos unidos e unidas como categoria, dificilmente iremos sobreviver às políticas de desmonte

da educação pública. Além disso, precisamos fazer com que nossas pesquisas e atividades docentes estejam mais próximas da população que está sendo bombardeada constantemente com *fake news* que desqualificam a universidade. Se continuarmos produzindo conhecimentos de modo endógeno, sem fazer circular essa produção e sem gerar impacto social, não iremos superar a ideia que atualmente se constroem de que a universidade é inútil. É preciso que o ensino universitário assuma uma consciência mais política.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Em relação aos calendários acadêmicos precisaremos reestruturá-los. Como nos períodos depois de greves, levaremos alguns semestres para nos estabilizarmos. Em termos de ensino, acredito que a universidade precisa fortalecer o debate em torno da EaD, de modo a garantir que os professores façam usos dessas ferramentas associadas ao ensino presencial. Na UFPI temos um sistema virtual de atividades

acadêmicas, que não é perfeito, mas possui várias ferramentas pouco utilizadas. Acredito que o incremento dessas atividades seja importante para a melhoria do ensino. A questão é como fortalecer a aprendizagem de fazeres e saberes da EaD sem fortalecer a proposta mercantilista e elitista que o governo federal deseja implementar nas universidades. É um paradoxo que acredito que devemos pensar. Cada vez mais os discentes estão inseridos em contextos virtuais que, certamente, podem contribuir em nossas práticas pedagógicas presenciais.

“É preciso que o ensino universitário assuma uma consciência mais política.

(...)

A questão é como fortalecer a aprendizagem de fazeres e saberes da EaD sem fortalecer a proposta mercantilista e elitista que o governo federal deseja implementar nas universidades.”

ENTREVISTA IV

Série: A docência em quarentena

Ensino remoto na zona rural e a possibilidade de perdas

Nesta quarta entrevista, concedida via *whatsApp* em 23 de maio de 2020, a **Profa. Ma. Natália Coêlho Bagagem*** descreve uma diversidade de dificuldades e desafios enfrentados por professores e alunos desfavorecidos na zona rural de Pernambuco para o ensino remoto; fala sobre possíveis perdas na aprendizagem e desigualdades de acesso ao conhecimento e das possíveis consequências da educação remota para esses alunos;

** Licenciada e Mestra em Letras. É Professora da Educação Básica na zona rural do município de Ouricuri/PE, lecionando nos anos finais do Ensino Fundamental.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às

regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da

adoção da EAD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

Está sendo uma experiência fora do comum, especialmente no âmbito profissional. Hoje tenho que mediar a aprendizagem de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental que residem na Zona Rural de uma cidade ainda não muito desenvolvida, Ouricuri/PE, através de ferramentas digitais. E essa realidade tem se tornado um grande desafio, pois a maioria dos estudantes não tem nenhum acesso à internet, e os poucos que a tem nos relatam diversas situações: que está sendo muito difícil realizar as atividades propostas, porque só possui um único aparelho celular para atender três a quatro adolescentes de ciclos estudantis diferentes; outros relatam que não possui um *smartfone* e sim um celular pequeno que dificulta a visibilidade das propostas educacionais; outros que correspondem a grande maioria dos

que tem acesso à internet, relatam que o acesso a rede é através de dados móveis e, com isso, não conseguem baixar com facilidades as atividades, assim como também, há dificuldades em postá-las no grupo do *WhatsApp*.

Diante dessas situações, tenho buscado ser uma profissional flexível com os prazos e com as orientações. Tem dias que é preciso explicar uma atividade várias vezes, pois quando há muitas postagens no grupo, os alunos se direcionam logo no privado para perguntar e tirar as dúvidas porque já não conseguem acompanhar. Outros saem do grupo porque a memória do celular está cheia e é preciso enviar as atividades e orientações individuais. O único aspecto positivo nisso tudo é que, os poucos que têm a oportunidade de realizar as atividades realmente a fazem, mesmo entregando fora do prazo devido às razões já mencionadas.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Penso que o isolamento trouxe várias questões profissionais para os docentes, contudo, destaco duas que

considero de suma importância: a primeira consiste na oportunidade que os professores tiveram de reinventar a prática pedagógica e perceber, mesmo que “forçado”, que há outros métodos, outras ferramentas que auxiliam a aprendizagem longe do alcance somente de livros didáticos e do ensino meramente tradicional. E a segunda questão propiciada pelo isolamento, no meu ponto de vista, configura-se em angústia profissional, pois saber que de 30 a 40 alunos, mais da metade não estão tendo oportunidade de acesso ao conhecimento é entender que a educação está provocando desigualdades educativas e ela não deveria ser desigual, pois o conhecimento é garantia de direitos de todos.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Eu analiso sob o ponto de vista revolucionário, pois até escolas pequenas localizadas na

zona rural de cidades interioranas abraçaram a ideia do ensino remoto, mesmo com diversas dificuldades e resistências devido às inúmeras situações inerentes a essa modalidade. Em contrapartida, vejo todo esse esforço revolucionário como um paliativo para o momento, mas que o ensino

está sofrendo perdas, haja vista que mais de 50% dos estudantes – em especial os da zona rural, estão em prejuízo. E ainda arrisco a dizer com base na minha realidade, de professora de alunos da zona

rural, que a oportunidade do ensino remoto oferecida ainda não é de excelência, pois são diversas as dificuldades que os alunos têm de terem acesso às explicações, visto que a grande maioria deles com acesso a rede, não abrem os vídeos com as explicações das aulas porque o celular não tem suporte, os dados móveis são fracos e lentos, etc.

“O ensino está sofrendo perdas (...) 50% dos estudantes – em especial os da zona rural, estão em prejuízo (...) A oportunidade do ensino remoto oferecida ainda não é de excelência.”

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

A instituição quer que haja ensino. Reconhecem as dificuldades, mas acreditam que o pouco de alunos que consegue inserir já é de grande valia para o momento. Assim, eu avalio esse posicionamento como um desejo verdadeiro de que essa modalidade de ensino remoto seja efetiva e satisfatória, haja vista a preocupação por parte da gestora em saber como está sendo o desenvolvimento das atividades, o quantitativo de alunos e a busca incessante em conseguir o contato dos alunos para inseri-los nos grupos de *whatsApp*, uma vez que o aplicativo é o único recurso que dispomos de mediação da aprendizagem remota.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Acredito que o maior aprendizado dessa experiência é a compreensão de que nós, professores, temos a missão de mediar o conhecimento independentemente da circunstância, através da resignificação da prática.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

“Há a possibilidade de quando tudo isso passar, deparamo-nos com alunos desanimados e com inúmeras dificuldades de aprendizagem.”

A pandemia já está causando um grande impacto à educação, especialmente, na aprendizagem dos estudantes das duas primeiras etapas da Educação Básica, em que mesmo com o ensino remoto, encontram-se desassistidas na alfabetização, na escrita, na compreensão e interpretação de textos e, em tantos outros segmentos. Com isso, há a possibilidade de quando tudo isso passar, deparamo-nos com alunos desanimados e com inúmeras dificuldades de aprendizagem, pois nem todos têm o apoio familiar para ensiná-los em casa.

ENTREVISTA V

Série: A docência em quarentena *A educação e as nuances de raça, classe e gênero*

Nesta quinta entrevista, concedida via *whatsApp* em 24 de maio de 2020, a **Profa. Dra. Idalina M Almeida de Freitas*** fala sobre a precariedade das condições de trabalho docente, os desafios frente aos recostes de raça, classe e gênero e as incertezas para a reconstrução pós-pandemia.

** Professora do Curso de curso de História na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB - Campus dos Malês - Bahia). Mãe de duas crianças em idade escolar, 6 e 9 anos.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às

regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da

adoção da EAD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

Embora nesse momento as atividades que competem ao ensino, estejam suspensas, bem sabemos que a docência, sobretudo na universidade pública, abrange a pesquisa, extensão e gestão. Sendo assim, me parece que um dos maiores desafios tem sido a precariedade das condições de trabalho, que já existiam antes da pandemia, porém, agora adquirem nuance no

trabalho remoto, sobretudo, com a falta de habilidade e formação para determinado modelo de ensino e aprendizagem. São dificuldades e desafios que perpassam a nossa própria lacuna quanto a compreensão e domínio hábil do território tecnológico e virtual, estando diretamente relacionado a forma como

esse acesso se deu para grande parte da população brasileira. Assim, destaco as dificuldades e inseguranças dos meus discentes, que com muitas dificuldades e privações continuam com suas pesquisas, leituras, atividades em geral, levando em consideração todo esse contexto sanitário e político. Penso que um desafio pungente é tentar realizar

esse pleno acesso e a busca por uma “normalidade” nas atividades, pensando os recortes de raça, classe, gênero, dentre outros.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

A principal questão para mim é tentar entender e adaptar a demanda de um curso presencial ao ensino remoto ou a própria EaD. Pensando como esse ensino não pode ser apenas uma adequação dos conteúdos às tecnologias e, talvez, num plano mais profundo, refletir como os nossos dados e informações, direitos

“Um desafio pungente é tentar realizar esse pleno acesso e a busca por uma “normalidade” nas atividades pensando os recortes de raça, classe, gênero, dentre outros.”

autorais, dentre outras coisas, que na maioria das vezes, não conseguem escapar, nesse modelo, das grandes empresas e negócios, o chamado “capitalismo de vigilância”.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Analiso a partir de questões que devem ser pautadas não só por dados técnicos e sim por uma ampla análise e debate que envolva as humanidades, e que as questões para a educação, em tempos de resguardo social, sejam perpassadas por categorias como classe, raça e gênero, principalmente. No meu caso, tem sido um desafio

conciliar o tempo do trabalho e o tempo do lazer, principalmente, em relação às atividades e demandas dos meus filhos em idade escolar.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

“Devemos buscar aprimorar os conhecimentos e habilidades (...) sem perder o olhar sensível para determinadas nuances nas relações sociais.”

A instituição na qual estou vinculada iniciou os debates sobre ensino remoto recentemente, acredito que seguindo o mesmo ritmo de outras IES, no entanto, ainda com muitas dúvidas e inseguranças por parte de toda a comunidade. Embora não seja especialista nesse assunto, avalio que o debate em diferentes

níveis e instâncias ainda é muito tímido e superficial, e o CNE já reconhece isso. Penso que é uma situação generalizada e nova para toda a sociedade. Penso que muita gente ainda esteja buscando elementos para como fazer, sobretudo, levando em consideração que a maioria dos casos

seguia uma rotina de estudos presenciais por escolha e definição.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

A certeza de que devemos buscar aprimorar os conhecimentos e habilidades com todo o arcabouço tecnológico, sem perder o olhar

sensível para determinadas nuances nas relações sociais que impactam nos processos de ensino e aprendizagem em seus diferentes níveis.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Um impacto sem precedentes. No tocante à várias incertezas: a incerteza de como iremos recuperar o calendário escolar/acadêmico, se o ensino a distância, remoto, híbrido, realmente será justo e proveitoso

para a maioria dos estudantes, se as atividades obrigatórias que envolvem os estágios supervisionados e laboratórios nas universidades e licenciaturas, cumprirão, de fato, seus propósitos formativos para futuros docentes. Penso que, mesmo que possamos retomar algumas atividades em caráter excepcional nesse momento de resguardo social, a reconstrução pós-pandemia também será incerta e de grandes desafios para a atuação de professores e a formação de alunos e alunas.

ENTREVISTA VI

Série: A docência em quarentena *Interação família/escola no ensino remoto*

Nesta sexta entrevista, concedida via *WhatsApp* em 26 de maio de 2020, a **Profa. Pedagoga Irene Rodrigues do Nascimento*** apresenta uma narrativa minuciosa de sua prática docente em isolamento social. Experiência constituída por dimensões sociais e pedagógicas na qual a interação e o diálogo entre escola/família se tornam elementos centrais do ensino-aprendizagem e do fazer docente. Apesar de considerar o ensino remoto um “mal necessário”, a professora busca nele alternativas de superar os desafios impostos pela pandemia do COVID-19, no intuito de minimiza prejuízos futuros à aprendizagem de seus alunos.

** Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Formação de Formadores e os processos de Coordenação pedagógica pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Funcionária pública da Rede Municipal de Maracanaú desde 2012, tendo iniciado na docência em 2000.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e

universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção da EAD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

“A aceitação e engajamento dos pais está mais evidente, pois caminhando juntos, estamos abrindo novos caminhos.”

Nas aulas presenciais sempre gostei de estabelecer laços estreitos com os/as responsáveis pelas crianças, tanto relacionados à aprendizagem, demonstrando preocupação e incentivando, quanto mantendo diálogo e,

consequentemente, laços afetivos, que viabilizam a proximidade com todos.

Sou professora no 1º ano do Ensino Fundamental (Alfabetização) e, com o surgimento da pandemia, tendo em vista a necessidade do afastamento presencial, retomei um grupo de *WhatsApp* com o intuito de manter essa conexão e enviar as atividades, dando continuidade à aprendizagem. Uma maneira de manter esse vínculo das crianças com a escola. Logo nas primeiras atividades fui observando como acontecia essa interatividade (ou não) por parte dos pais e comecei a anotar pontos dos quais, de alguma forma, eu poderia acrescentar para melhorar o engajamento na aprendizagem de seus filhos. Observava que o grupo de *WhatsApp* era utilizado para interações que extrapolavam a dimensão da orientação pedagógica.

Comecei a desenvolver no grupo algumas ações voltadas para a manutenção da aproximação *online* com os pais, realizando intervenções pontuais quanto a postagens inadequadas (*fake news*). É válido salientar que não se tratava de repreensão, mas de orientação, explicando que informações duvidosas

tinham algumas características, e informações sérias, de credibilidade, tinham outro formato. Dessa forma, pararam de disparar *zaps* duvidosos e, muitas vezes, postavam algo e me perguntavam se aquilo era verdade, pois disse a eles que informações falsas prejudicam a todos, inclusive a quem repassa.

Com o andar do isolamento pais começaram a postar informações incompletas sobre o auxílio emergencial. Percebendo suas dificuldades em compreender o conteúdo das informações, me dispus a ajudar, postando notícias referentes ao auxílio. Neste sentido, passei a orientá-los na compreensão dessas informações e de outras que fossem de seu interesse.

Com a dificuldade de não conseguirem se cadastrar no auxílio emergencial, seja por não saber como fazer ou não compreender os critérios, passei a dar um suporte mais efetivo, possibilitando que sentissem segurança em tirar suas dúvidas (no grupo ou no privado) e conseguissem se cadastrar.

Percebendo a aflição em relação ao não recebimento do auxílio emergencial, e sabendo da situação

financeira precárias destas famílias, comecei a tentar uma ação paliativa que viesse a suprir, mesmo que momentaneamente, essa necessidade. Resolvi entrar em contato com amigos mais próximos, do meu círculo de amizade, e pedi a colaboração para formar um grupo de doações de cestas básicas para as 50 alunos nos meses de abril e maio. Na segunda entrega elaborei um folder sobre a COVID-19, fiz um porta-retratos para homenagear as mães e consegui duas amigas costureiras que confeccionaram máscaras (foram três máscaras em cada cesta de alimentos). Pretendo continuar a doação de cestas.

Além disso, com o intuito de proporcionar melhor compreensão das atividades, faço outras ações: mando áudios, escrevo no particular, telefono pra elas, não só pra orientar nas tarefas, mas pra conversar sobre outros assuntos. As crianças mandam áudios e vídeos dizendo que estão com saudades e retribuo esses carinhos, essa atenção na mesma medida.

Essas ações foram surgindo por meio de um olhar atento às necessidades das mães (só aparecem

mães). Vale salientar que não foi uma “troca” do tipo “eu te dou isso e você faz aquilo”. Vejo que essas iniciativas estão contribuindo para o bom relacionamento e engajamento dos pais nas atividades e responsabilidades de educação de seus filhos. Nada é fácil!

No campo pedagógico, as atividades estão acontecendo da seguinte maneira:

Primeiro momento: (tateando) – Em Maracanaú, iniciamos o isolamento social no dia 18 de março. Começamos sem nenhuma orientação por parte da Secretaria de Educação do Município ou da gestão, em relação a darmos continuidade ao trabalho com as crianças. Contudo, eu e outra professora, com quem divido a turma resolvemos, por iniciativa própria, ativar um grupo de *WhatsApp* para ficarmos em contato com os pais e darmos continuidade ao trabalho, bem como manter as crianças ocupadas para que não saíssem de casa. Nossa intenção foi repassada aos pais no dia em que avisamos sobre a suspensão das aulas.

No dia 20 de março, enviei a primeira atividade. Foi um trabalho de improviso, só para manter o contato e

observar a responsividade dos pais em relação à nova proposta de estudo e atuação das crianças. A atividade ficou meio desorganizada, pois enviei sem data e sem identificação da professora, mas continha orientações de como realizá-la.

Nas duas primeiras atividades surgiram muitas dúvidas por parte dos pais acerca de como realizariam as atividades, visto que todo o material escolar havia ficado na escola (para evitar extravio), e por não terem material extra em casa. Neste sentido, passei a observar e anotar as demandas, as dificuldades envolvidas, tanto de minha parte como da parte deles.

A iniciativa, criatividade e disposição dos pais foi de grande importância, pois contribuíram demais para o aprimoramento deste trabalho à distância. Aos poucos, fomos nos adaptando à mudança e proporcionando meios de otimizar o trabalho de forma que chegasse a todos ou quase todos.

Comecei enviando as atividades em formato *WORD* e logo pais sugeriram que fosse, também, em formato *PDF*: essa demanda foi prontamente solucionada, pois, a

partir disso, passei a enviá-las nos dois formatos para melhor atendê-los. Nas orientações das atividades pedi que as mesmas fossem impressas, contudo, rapidamente, surgiu a primeira atividade feita a mão (um dos pais passou a atividade para o caderno e a criança respondeu). Dessa forma, mais uma dificuldade foi sanada, pois muitos outros pais viram o exemplo e começaram a adotar essa prática. Assim, aqueles que podiam, imprimiam e aqueles que não podiam, copiavam no caderno. Também orientamos que as mesmas deveriam ser guardadas, pois as receberíamos quando voltássemos.

As atividades eram curtas, visando evitar indisposição dos pais e incompreensão por parte destes na hora de orientar os filhos, bem como para que as crianças mantivessem esse contato, mesmo que breve, com a leitura e escrita, a fim de não paralisarmos o trabalho que já havíamos iniciado na escola.

A segunda parte do trabalho consiste em, após enviar as atividades, ficar de prontidão no computador (via *WhatsApp Web*), esperando que os pais apresentem suas dúvidas para que eu pudesse

orientá-los melhor. Essas dúvidas, no início, recaiam, principalmente, quanto à incompreensão dos pais em entender o que era para fazer, mesmo com as orientações descritas, minuciosamente, na própria atividade. São pessoas leigas, de pouca leitura e, conseqüentemente, pouca compreensão. Além disso, tem pais que são analfabetos mesmo e pedem ajuda de outras pessoas da família ou, simplesmente, deixam de fazer as tarefas (essa é uma grande dificuldade e precisa ser sanada).

Por iniciativa de um dos pais (outra ideia boa que partiu deles), ao finalizar a tarefa, enviou para mim, no privado, foto e vídeo da mesma. Achei a ideia ótima! Elogiei e pedi permissão para postar no grupo para ficar como exemplo aos demais pais. Assim, a partir de outras atividades, passei a pedir que todos fizessem o mesmo, pois vi que isso serviria de registro e controle para saber quem fez ou deixou de fazer, bem como para realizar intervenções, caso houvesse erro na tarefa. Dessa forma, o trabalho passou a ser mais organizado e começou a ganhar corpo. Neste primeiro momento não estabeleci rotina.

A partir das próprias dúvidas dos pais fui acrescentando elementos às atividades que viessem a facilitar este trabalho para mim e para eles. As crianças não só mandavam fotos, como passaram a mandar vídeos das tarefas: tanto em tempo real, fazendo-as, como gravação de leituras de textos. Esses elementos foram sendo incorporados ao trabalho e hoje, dois meses depois de iniciarmos esta experiência, a maioria das crianças já participa ativamente das aulas, e a aceitação e engajamento dos pais está mais evidente, pois caminhando juntos, estamos abrindo novos caminhos.

Vi que com essa iniciativa ficaria mais difícil perder o vínculo com os pais e as crianças. Foi uma maneira de mantê-los por perto. Os pais elogiaram muito nossa postura e preocupação com a aprendizagem que, mesmo não sendo como gostaríamos que fosse (sala de aula, presencial), serviria para manter os conhecimentos ativados.

Minha ideia, inicialmente, era enviar atividades que contemplassem os níveis de escrita e leitura, visto que mais da metade delas, já sabem ler. Entretanto, para fazer isso no início,

seria muito trabalhoso, visto que os pais demorariam a entender essa divisão de colocar atividades de um tipo para uns e outras diferentes para outros. Também me causou preocupação acerca do que pensariam ao mandar atividades diferenciadas (discriminação ou algo do tipo).

No momento atual, esta possibilidade não está descartada, visto que agora estão mais aptos a compreender as mensagens e mais experientes com a organização dos trabalhos. Estão mais autônomos.

Tudo o que foi descrito acima, foi sem orientação da Secretaria de Educação. Foi um trabalho, digamos, voluntário. Não estabeleci rotina formal, até porque não poderia cobrar isso deles sem uma orientação direcionada.

A maioria das atividades que enviei foi de língua portuguesa abordando diversas habilidades exigidas na BNCC destinadas ao 1º ano do Ensino Fundamental. Sou responsável por 6 disciplinas: Língua Portuguesa, Geografia, História, Arte, Religião e Educação Física, contudo, não entrei no mérito de atender a essa disposição das matérias. Era raro colocar atividade visando atender essa

disposição. A concentração maior foi Linguagem. Os conteúdos abordados nas atividades variaram bastante: escrita de palavras, análise estrutural e fonológica de palavras e frases, leitura de textos, localizar palavras em textos, composição de frases, autoditado com desenhos, caça-palavras, jogos *online* sobre linguagem, separar sílabas das palavras, estudar silabário ilustrado simples e complexo, leitura de histórias, compreensão oral e escrita da mesma.

Como sempre pesquiso atividades relacionadas ao grupo, pois tenho um controle dos níveis de aprendizagem da escrita e leitura de todas as crianças, me baseei por esses registros para selecionar as atividades, de forma que servisse para todos, sem extrapolar os conhecimentos mínimos de alguns. Como já trabalho há muito tempo com alfabetização, tenho um vasto arquivo de atividades colecionadas e isso também facilitou bastante na hora de decidir o que melhor atendia a todos. No geral era isto.

Em um terceiro momento, no dia 18 de maio de 2020, iniciamos, oficialmente o ensino remoto, por

determinação da Secretaria de Educação do Município de Maracanaú. Muitas delas eu e minha colega de trabalho já estávamos seguindo, contudo, estou pesquisando outras formas mais dinâmicas de interação no grupo com as crianças como gravação de vídeos explicando as

“Estamos em estado de alerta em tempo integral e isso é muito ruim!”

aulas. Temos por determinação, seguir os mesmos horários de trabalho tal qual como no ensino presencial

Uma notícia boa é que poderemos aproveitar as aulas que já estávamos fazendo antes disso e incluir no diário de planejamento. Para quem está começando só agora, a partir dessa data, vai ser mais pesado, pois terão que recuperar todo esse tempo desde o dia 20 de março do corrente ano.

Um ponto positivo desta fase é que pudemos entregar para as crianças todo o material didático (livros e cadernos), o que facilitará

bastante nosso trabalho, visto que não precisarão tirar cópias ou escrever as tarefas à mão.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Duas questões: o tempo e as condições emocionais. O tempo está sendo extremamente corrido e extrapola em muito os horários (que às vezes chega a ser inconveniente), isso tanto relacionado aos pais entrarem em contato conosco, como também as reuniões com a gestão e mensagens de *WhatsApp*, tanto do grupo de pais como da gestão. Estamos em estado de alerta em tempo integral e isso é muito ruim! Ultimamente deixo o toque de mensagens no silencioso, porque senão eu piro! Depois tiro um momento para ver as do grupo da gestão, tudo de uma vez. Não tenho tempo pra ficar direto respondendo coisas de trabalho. Concentro-me mais no grupo dos pais. Minha vontade é voltar pra sala de aula.

Quanto a condições emocionais, esse é um ponto crucial! Essa correria e o contato com essa nova realidade de ensino remoto, às vezes, nos faz sentir incapazes ou impotentes mediante o problema da pandemia que estamos vivendo. O contato diário com muitas informações negativas nos causam sentimentos de impotência, a

“Nesse período em casa, procurei conhecer e utilizar uns programas que podem ajudar muito.”

preocupação com as crianças e os pais (que vivem em situação precária) me deixa muito pra baixo e, às vezes, não consigo forças para me concentrar e produzir algo de

qualidade. Mas como disse, estou pesquisando muito para sanar essas dificuldades, limitações e proporcionar algo mais dinâmico e interativo. Tem dias que paro pra chorar. É muito ruim ser informado! Como dizia Raul Seixas “É uma pena eu não ser burro, assim não sofreria tanto”.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Os desafios são imensos! Fico pensando na situação de professores

que não tem nenhuma familiaridade com as novas tecnologias e que agora terão que tirar sangue de pedra de si mesmos. Não sou leiga nesse assunto, mas há muitos programas interessantes que podem ajudar nessa empreitada, no entanto, ainda não os utilizo com segurança. Mas esse é um ponto importante! Nesse período em casa, procurei conhecer e utilizar uns programas que podem ajudar muito.

Tenho a “sorte” de ter equipamentos em casa que facilitam esse trabalho, mas a preocupação é com o receptor. A ideia de gravar vídeos explicando as aulas, seja dos livros ou nos cadernos, é interessante! A pessoa grava um pequeno vídeo sobre a atividade, explicando atividades curtas e envia o vídeo para o grupo. É importante que o vídeo não seja extenso, que seja, no máximo, de uns cinco minutos.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Oficialmente, por determinação da Secretaria de Educação do Município de Maracanaú, foi autorizado o retorno às aulas em modo remoto, a partir do dia 18 de maio de 2020. Esse

retorno está baseado em algumas diretrizes que foram definidas mediante documentos oficiais do Conselho Nacional de Educação (CNE), em consonância com os documentos de Estados e seus respectivos Municípios.

Primeiro momento - No âmbito municipal (Maracanaú), antes de haver essa decisão, a gestão escolar, por orientação da Secretaria de Educação, orientou que os professores de cada escola se reunissem por meio *online*, para discutir um plano de ação voltado para o período de isolamento social e possíveis estratégias de retorno às aulas no período pós-pandemia. Essas reuniões foram realizadas entre os professores e, posteriormente, em outra reunião, compartilhadas com a gestão da escola. O que saiu dessa reunião foi levado para a secretaria de educação (pela gestão escolar) com o objetivo de compor o documento delimitador a fim de atender as demandas dos professores e alunos quanto ao ensino remoto.

Segundo momento - A partir desse documento delimitador, as aulas iniciaram oficialmente, em modo remoto, no dia 18 de maio de 2020. Desde então, estamos recebendo

orientações da gestão escolar por meio de um grupo de *whatsApp*, bem como através de reuniões remotas via zoom ou outro aplicativo que permita a realização de reuniões.

Diversas sugestões de atividades são enviadas para o grupo de *WhatsApp*, voltadas para todos os níveis (séries) que contemplem nosso ambiente de trabalho: da Educação Infantil (pré I e II) ao ensino Fundamental (1º ao 3º ano). Nesses contatos os professores aproveitam para compartilhar suas angústias, dificuldades, bem como apresentam sugestões de como lidar com essa nova experiência, apresentando recursos e meios de tornar o trabalho o mais produtivo possível tanto em qualidade como em abrangência.

Uma das sugestões apresentadas na primeira reunião era a de que os professores selecionassem atividades e enviassem à escola (via *e-mail*), para providenciar cópias e entregar aos pais (estes iriam buscar as atividades na escola). Pelo andamento da situação, parece que não tem funcionado bem, pois os pais não estão indo buscar as tarefas na escola. A ideia era que isso facilitasse o acesso de todos.

Como a Secretaria de Educação autorizou a entrega do material escolar aos pais (livros), sugestão minha em reunião, acredito que seja o meio menos complicado e funcione melhor, pois assim, não precisa que os pais fiquem saindo diariamente para pegar as atividades e sabemos que todos tem o material didático.

Assim, o que tenho percebido é que estamos tendo mais orientações agora do que quando estávamos dentro da escola. Como sabemos, os diretores e coordenadores, principalmente estes, ao invés de realizarem seu trabalho de cunho pedagógico, se embrenham em trabalhos burocráticos como substituições de professores que faltam. Assim, acabam se desvirtuando de sua real função. Sempre que precisamos de alguma orientação entramos em contato com o núcleo gestor e solicitamos aquilo de que precisamos e somos atendidas, seja ligando ou por meio de mensagens.

Todas as informações novas elas repassam no grupo ou fazem reunião. Daqui para sexta-feira haverá uma nova reunião com o propósito de repassar novas informações acerca

do preenchimento do diário de planejamento e de classe para o período da pandemia. Quanto às orientações pedagógicas relacionadas às atividades que estamos enviando para as crianças, essas devem ser direcionadas também à coordenação para que avaliem o trabalho do professor.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Eu não concordo em sua totalidade com essa prática para todos os níveis de ensino, mas acho que, no momento, é um mal necessário. Digo isto porque essa prática, mesmo em tempos de pandemia, permite que a situação da educação não se agrave tanto para o momento de um possível retorno. Manter esses conhecimentos ativados é muito bom para nós professores, e tenho percebido que para as crianças também. Os pais, em sua maioria, têm dado *feedbacks* positivos quanto a nossa postura e preocupação com as crianças e estão bastante envolvidos. Alguns deles já até disseram que também estão se sentindo beneficiados

com as atividades, pois estão aprendendo também, como se tivessem voltado a estudar. Fico muito feliz com a responsividade deles.

Por outro lado, penso que o ensino remoto não substitui o presencial, em nível algum, muito menos nos anos iniciais. Prefiro estar lá no chão da sala em contato com eles, fazendo com parcimônia tudo aquilo que aprendi. Gosto da possibilidade de fazer tudo o que penso em fazer em sala, mesmo que isso me custe alguns dinheirinhos do meu bolso. Não recomendo que façam, mas quem

“No ensino remoto não me sinto professora, me sinto orientadora.”

o fizer, é também interessante. Gosto de levar novidades, de explicar detalhadamente, de ter contato, de ver o crescimento e evolução deles integralmente. No ensino remoto, não me sinto professora, me sinto orientadora.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Penso que pode haver impactos tanto negativos quanto positivos. Digo

isso porque, especialmente na aprendizagem infantil, o tempo é importante – o tempo da criança – e, de certa maneira, esse é um tempo que não teremos como recuperar no futuro. Outra questão é que ainda está tudo muito incerto sobre o modo como serão considerados formalmente as atividades a distância. Isso porque estas atividades se diferenciam das ações presenciais, tanto no modo de fazer, na dimensão pedagógica, quanto nos resultados na aprendizagem dos alunos.

Olhando por uma perspectiva otimista, esta situação está nos

proporcionando aprender e apreender outros fazeres, nos aproximar de outros recursos pedagógicos até então não utilizados, que estão para além da sala de aula, mas que podem ser incorporados à educação presencial. Acredito que o acesso a outros recursos pedagógicos, inclusive os tecnológicos, podem vir a ampliar nossa prática, mesmo em sala de aula.

No momento, a incerteza sobre as condições de retorno é o que temos de impacto imediato na nossa realidade profissional.

ENTREVISTA VII

Série: A docência em quarentena *O futuro no campo do “é possível”*

Nesta sétima entrevista, concedida via *whatsApp* em 26 de maio de 2020, o **Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida*** apresenta a experiência vivida na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no contexto da docência em situação de distanciamento social. Faz críticas à Educação à distância (EaD) e questiona a ausência de um posicionamento do Ministério da Educação (MEC) que aponte alternativas viáveis à superação dos obstáculos gerados pela pandemia. Quanto a possíveis aprendizados, coloca a experiência num limbo, onde tudo ainda permeia num vasto campo de possibilidades.

** Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense e professor Adjunto do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas. Foi professor da Educação Básica em escolas públicas entre 2010 e 2016.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-

aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem

com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção da EAD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

Essa quarentena, causada por um vírus que chegou sem avisos mais sonoros, como algo que parecia muito distante nós, coincidiu, no meu caso, com um problema de deslocamento de retina e procedimentos cirúrgicos realizados entre os dias 17 e 20 de março. Na mesma semana tínhamos agendado a realização do V Fórum do Programa de Pós-Graduação em História da UFAL (PPGH), evento que fomos obrigados a adiar um dia antes em decorrência do impedimento de locomoção de um convidado que viria do Rio de Janeiro (Marcelo Badaró, da UFF) e uma professora que havia acabado de chegar de viagem

internacional. Nesse sentido, a quarentena já nos atingiu em cheio desde a primeira semana que foi estabelecida em Alagoas (Semana de 17 a 20 de março). Curiosamente, as aulas da Graduação também teriam início nesse mesmo período. Dessa forma, não chegamos, sequer, a ter contato com os ingressos na Graduação e na Pós-Graduação no que seria/será o semestre letivo 1.2020.

Durante cerca de um mês ficamos um tanto paralisados e, a partir da constatação de que esse isolamento iria demorar por um período imprevisto, passamos – o corpo docente da Graduação e do PPGH – a pensar em estratégias pedagógicas e metodológicas com o objetivo de romper e enfrentar os desafios que surgiram. Alguns professores, mais familiarizados com as novas tecnologias, passaram a realizar atividades de grupos de pesquisa de forma virtual utilizando plataformas específicas, como *Google meet*, *Stream Yard* e o *Facebook*. Decorridas cerca de quatro semanas, surgiu a ideia de criarmos uma página no *You Tube* em nome do nosso Centro de Pesquisa e Documentação

Histórica, CPDHis, que foi organizada pela professora Irinéia Santos, docente mais atenta com esse mundo digital. Após concretizada essa ferramenta e realizados alguns testes, o V Fórum ocorreu de forma remota, com a apresentações de dezenove trabalhos, o que nos surpreendeu pela adesão dos mestrandos. Entretanto, acordou-se entre os professores e professoras da Graduação e do PPGH que nossa atividade fim, o Ensino, não seria realizada de forma virtual em decorrência da grande dificuldade dos nossos estudantes em ter acesso a uma internet de qualidade; dificuldades de professores – inclusive esse que vos fala – de operar de forma virtual, como também a posição política do corpo docente de que a sociabilidade, interação, integração e trocas mútuas que ocorrem nas aulas presenciais jamais poderiam ser substituídas por alternativas virtuais. Ou seja, estamos realizando de forma remota, apenas, orientações, pareceres técnicos, participando de fóruns virtuais e atividades de extensão. Nesse sentido, o calendário acadêmico de 1.2020 ainda não teve início.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

São inúmeras questões que apareceram repentinamente. Algumas dizem respeito à saúde do próprio profissional, acostumado ao contato diário com dezenas ou talvez centenas de estudantes e que, obrigado a permanecer em isolamento por um tempo indeterminado, acabou por somatizar e desenvolver sintomas diversos, tais como ansiedade, estresse e variações de humor, como foi o meu caso. Tenho uma companheira que é profissional da área de saúde e uma filha em idade escolar. Todos esses fatores são indissociáveis da atividade profissional no trabalho remoto. As dualidades profissional/pessoal; casa/trabalho; mental/físico; real/virtual, deixam de existir e aparecem como um grande desafio para o desenvolvimento de atividades profissionais em tempos de isolamento social. É isso que tem ocorrido comigo e com diversos colegas com os quais tenho conversado. Com essa realidade que bateu à nossa porta, acredito que apenas cerca de 40% do nosso corpo

docente esteja atuando de forma virtual nas atividades de pesquisa e extensão.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Todos envolvidos nas atividades que envolvem a Educação - gestores, docentes, discentes, técnicos e terceirizados, por exemplo - de forma direta ou indireta, viram-se diante de inúmeros obstáculos e desafios a enfrentar. Particularmente, no que envolve o docente, os problemas da chamada Educação à Distância (EaD) já vinham sendo expostos ao longo da última década. Pensada

inicialmente para diminuir as distâncias geográficas em um País com dimensões continentais, a EaD passou a ser vista pelo Mercado Educacional como uma oportunidade de precarizar ainda mais a remuneração dos profissionais da educação da rede privada de ensino, preocupada, sobretudo, em aumentar

seus lucros. Nas instituições públicas, a realidade não é muito diferente. A proposta de bolsas para professores e monitores sem uma preocupação efetiva com processos avaliativos críticos dos resultados esperados, criaram, com raras exceções, um verdadeiro “faz de conta” que eu te ensino e você “faz de conta” que aprende.

“Não vejo alternativas e saídas fáceis, principalmente em um contexto em que o Ministério da Educação não apresenta nenhuma proposta efetiva, plausível ou factível.”

Se tivéssemos realmente desenvolvido uma EaD que tivesse mostrado resultados qualitativos efetivos, teríamos, agora, experiências que poderiam ser compartilhadas no enfrentamento desse desafio colocado pelo distanciamento social. Entretanto, o que vimos foi um crescimento meramente quantitativo numa verdadeira linha de produção em massa de diplomas. Não vejo alternativas e saídas fáceis, principalmente em um contexto em que o Ministério da Educação não apresenta nenhuma proposta efetiva, plausível ou factível para superarmos os gigantescos problemas. Ao

ouvirmos e consultarmos os estudantes, o momento é de angústia e desolação diante da falta de um Ministério que apresente alternativas e que enxerga as Instituições de Ensino Superior do País (IES) como inimigas ideológicas. Porém, salta aos olhos e tem sido destaque na imprensa nacional o fato de que aquelas áreas que estão conseguindo atuar, como os Hospitais Universitários; pesquisadores da área de saúde, engenharias etc., estão comprovando o quão importantes são as Universidades Públicas e Institutos Federais no enfrentamento das crises sociais.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Até a data de hoje, a instituição vem atuando de forma bastante democrática, sem a intenção de querer impor nada aos docentes nem aos discentes de maneira autoritária. Se assim o fizesse, não estaríamos

numa democracia, mesmo com todos os problemas e arroubos autoritários que nos ameaçam diuturnamente. Contudo, percebe-se que as pressões oriundas dos órgãos vinculados ao MEC – como CAPES e CNPq, por exemplo – indicam que ao passar dos dias, propostas de mapear e quantificar “a produção” dos docentes são sugeridas de forma implícita. Isso fica claro com a solicitação de envio de relatórios, resposta a questionários e tentativas, quase que semanais, de inquirir o corpo docente.

“Qualquer tentativa da instituição de querer impor algo que tivesse a intenção de apenas atender a burocracia estatal, já nasceria fadada ao fracasso.”

Avalio que até o momento que presto essa entrevista, não temos alternativas para o eixo Ensino, visto que o corpo discente do curso de História da UFAL é formado basicamente por estudantes de baixa renda, com pouco ou nenhum acesso a tecnologias avançadas. Nesse sentido, qualquer tentativa da instituição de querer impor algo que tivesse a intenção de apenas atender a

burocracia estatal, já nasceria fadada ao fracasso.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

É possível que após essa experiência que nos fez aprender a nadar em pleno alto mar, sob pena de não sobrevivermos – literalmente e metaforicamente – a sociedade compreenda o incalculável valor que tem os professores e a sociabilidade que o contato diário no espaço escolar possibilita. É possível que valores sejam ressignificados, a exemplo da importância do coletivo frente ao

individualismo; da solidariedade acima da avareza, da ganância, da “meritocracia” presente na sociedade capitalista. A importância do aperto de mão, do abraço, do olhar “real” para além do “virtual”. É possível que aprendamos a dar a atenção devida aos debates que envolvem a Macro Política para que as decisões que cabem ao Estado estejam nas mãos de pessoas comprometidas com políticas educacionais inclusivas, socialmente referenciadas e que enfrentem os

desafios sob a perspectiva da erradicação das agudas desigualdades que foram expostas, sem máscaras, nesse contexto de Pandemia. É possível que gestores, pais, professores e estudantes compreendam que fora da Educação em espaços coletivos, a formação intelectual, humanista e social de todos que participam dessa troca interativa fica comprometida. Essa é nossa esperança. Mas, repito, tudo

ainda está no campo do “é possível”.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

A Educação formal já foi impactada. A cortina que cobria a gritante exclusão tecnológica e digital em todos os níveis (educação infantil, ensino fundamental, superior e também na Pós-Graduação) não foi simplesmente aberta, mas rasgada pela realidade. Se por um lado temos que considerar, ou reconsiderar, a importância dessas novas ferramentas no enfrentamento das demandas surgidas com o distanciamento social, por outro,

“Tudo ainda está no campo do ‘é possível’”.

deve-se levar em conta, sob pena de fazermos uma análise caolha, que a democratização desses recursos ainda está longe, muito longe, de ocorrer. No que diz respeito exclusivamente ao Ensino público e gratuito, a atuação das Universidades Públicas nessa Pandemia, como também da Rede dos Institutos Federais, veio comprovar a importância da Ciência produzida nesses centros, revelando que a Educação e os orçamentos que ela demanda, nunca poderão ser vistos como uma área coadjuvante na construção de uma sociedade melhor. Os recursos humanos e financeiros destinados a tudo que envolve esse verdadeiro universo do tecido social, nunca, jamais, em

tempo algum, podem ser vistos como gastos, despesas ou desperdícios, e sim como investimento no presente e no futuro. Teremos, sem dúvidas, uma geração marcada pelos impactos da Covid-19 e, a Educação, será o eixo principal na oferta de alternativas teóricas, metodológicas e técnicas na superação dos desafios que nascerão com o amanhã que virá cheio de obstáculos e perturbações, como sempre foi. Nossa proposta é pensarmos como diz a música de Gonzaguinha “nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...”, em sintonia com o que escreveu o poeta Thiago de Mello: “Faz-se escuro, mas eu canto, porque a manhã vai chegar”. Assim seja!

ENTREVISTA VIII

Série: A docência em quarentena *Quando a alternativa é reduzir danos*

Nesta sétima entrevista, concedida via *whatsApp* em 25 de maio de 2020, a **Profa. Dra. Maria Stela Maioli Castilho Noll*** fala sobre o uso de plataformas *on-line* e alguns desafios – a exemplo, a carência de alguns alunos ao acesso a equipamentos e a realização de aulas práticas. Finaliza acenando, com otimismo, para a possibilidade da valorização da escola como um espaço de aprendizagem.

** Formada em Ciências Biológicas, com Mestrado e Doutorado em Ecologia. Atualmente é docente na Universidade Estadual Paulista (UNESP), atuando no ensino, pesquisa e extensão na área de Biologia/Ecologia.*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas práticas de ensino-aprendizagem, muitas

escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção da EaD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

A experiência não tem sido ruim. Não me sinto mal realizando as atividades remotamente, mas sinto muita falta da interação com os alunos em sala de aula.

Nas minhas disciplinas, tenho dado aulas em plataformas *on-line*, enviado textos e atividades, discussões *on-line*. Aparentemente tem funcionado, mas sinto muita falta de estar olhando para os alunos e de discutir interativamente com eles.

Outro desafio é a impossibilidade de alguns alunos acompanharem as aulas remotamente por não terem acesso ou

equipamentos adequados. Estou tentando garantir que todos possam ter as aulas, entrando em contato direto, e viabilizando empréstimo de algum equipamento.

Outra dificuldade que vale a pena destacar tem sido a reorganização do cronograma das disciplinas e a realização de aulas práticas. Para estas aulas, ainda não encontramos (vários docentes estão tendo este problema) uma solução satisfatória e, por enquanto, estamos postergando

para aulas presenciais futuras que possibilitem as práticas. Entretanto, temos consciência que talvez isto não aconteça.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

Acredito que estamos com uma carga maior de trabalho no preparo das atividades e no aprendizado de novas tecnologias para viabilizar as aulas.

“Acho que há um prejuízo muito grande para o ensino e tenho a sensação de que estamos apenas reduzindo danos.”

No que se refere ao aprendizado de novas tecnologias, vejo como algo positivo a ser incorporado ao trabalho docente. Não para substituir as aulas presenciais, mas para agregar metodologias ao processo.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Acho que há um prejuízo muito grande para o ensino e tenho a sensação de que estamos apenas reduzindo danos. Para mim nada substitui o processo de ensino com aulas presenciais. Entretanto, se for possível ver algo positivo disso tudo é a valorização dos professores pela sociedade.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Acho que estão tentando acertar, mas sem saber se o caminho escolhido é o melhor. Muitas vezes há confusões nas indicações de como devemos

proceder, mas acho que isto é compreensível.

No geral, acho que estão se colocando de forma responsável diante deste desafio, mas conhecem pouco sobre a realidade de vulnerabilidade de boa parte dos alunos e suas famílias.

“Muitas das ferramentas que estamos aprendendo a utilizar continuarão a ser usadas e associadas ao formato presencial.”

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Que o trabalho da educação não se faz sozinho, precisamos dos nossos colegas e

precisamos muito dos alunos para que o processo aconteça. Além disso, o papel do Estado tem se mostrado imprescindível para diminuir a desigualdade social, que é gritante na Educação e que tem se acentuado com o ensino remoto.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Tenho um pouco de receio de que os Governos e Gestores entendam erroneamente que o ensino possa ser

mantido remotamente, num formato EaD. Acredito que se isto for proposto, uma grande mobilização poderá surgir na sociedade. Por outro lado, acredito que exista uma grande possibilidade de que a sociedade passe a valorizar mais a Escola como espaço de aprendizagem e o papel positivo da presença do professor.

Mas acho que muitas atividades poderão ser modificadas; muitas das ferramentas que estamos aprendendo a utilizar continuarão a ser usadas e associadas ao formato presencial.

Além disso, caso uma vacina não seja encontrada em breve, teremos que ter uma condição de

distanciamento social para evitar a contaminação. Isto impactará muito o sistema educacional como um todo, a começar pelas salas de aulas lotadas que não poderão existir. Então, todo o modo de organização das escolas e universidades deverá ser repensado.

Sendo otimista, acho que as pessoas, incluindo as crianças e adolescente com seus pais vão valorizar muito mais a Escola como um espaço de aprendizagem, não apenas de conteúdos técnicos e habilidades, etc., mas também de desenvolvimento humano, do aprender a ser e a conviver com os outros.

ENTREVISTA IX

Série: A docência em quarentena *Ausência de políticas públicas e desigualdades*

Nesta nona entrevista, concedida via *whatsApp* em 04 de junho de 2020, a **Prof^a. Ms^a. Conceição Vasconcelos Pereira*** fala sobre a ausência de políticas públicas no enfrentamento das desigualdades sociais entre alunos da escola pública e da rede de ensino particular, destacando, no contexto da pandemia, as desigualdades de muitos discentes ao acesso a equipamentos tecnológicos. Como consequência da pandemia do COVID-19 na educação, prevê ampliação das desigualdades educacionais, utilizando como referência, o aluno da escola pública, em especial, do interior do Estado.

** Licenciada em Letras (UFPA) Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Aluna de Pós-Graduação em Letras (Doutorado em Linguística-UFPA), Docente da Educação Básica (SEDUC_PA), Docente da Educação Superior (ESAMAZ).*

Por: Alexandre Joca

Em tempos de pandemia e de distanciamento social, no campo da educação institucional, a educação à distância e o ensino remoto parecem se mostrarem como as possibilidades mais viáveis para a continuidade de ações educativas de escolas e universidades brasileiras. Na busca de evitar a interrupção efetiva de suas

práticas de ensino-aprendizagem, muitas escolas e universidades - da Educação Básica ao ensino Superior, dos grandes centros urbanos, às regiões rurais do Brasil profundo - enfrentam os desafios dessa modalidade de ensino e, sem tempo hábil para uma preparação prévia, buscam metodologias e estratégias de

ensino-aprendizagem que dialoguem com as singularidades de suas realidades.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a necessidade de uma reinvenção de práticas pedagógicas, sobre a eficácia, a viabilidade e as consequências da adoção da EaD e do ensino remoto, em que o papel da família e as questões sociais e culturais de desigualdades são postos em debate por educadores e educadoras.

“O problema encontra suas raízes na falta de políticas públicas, na ausência da “mão” do Estado para inúmeros alunos.”

1. Como está sendo sua experiência em quarentena?

A experiência docente em quarentena tem sido estimulante. Os maiores desafios enfrentados inicialmente ocorreram com relação ao domínio das ferramentas tecnológicas para a viabilidade de teleaulas e aulas e EaD, mas que foram superados. O que ainda se mantém como dificuldade se concentra no serviço prestado de acesso a Internet, o qual compromete em grande parte o rendimento do trabalho.

2. Quais questões o isolamento social trouxe (ou está trazendo) para os/as professore(a)s?

As questões profissionais que o isolamento social trouxe aos professores se alicerçam no debate sobre a qualificação profissional a qual ainda é precária.

3. Como você analisa o desafio da experiência da quarentena para a educação?

Forçosamente impulsionou o profissional a buscar o domínio de ferramen-

tas tecnológicas, de outra forma de ensino, mas também mostrou o quão dispares são as realidades dos alunos.

4. Como a instituição onde você trabalha está conduzindo esse processo?

Apenas a educação superior (rede particular) se mantém com aulas diárias, a rede pública (SEDUC_PA) está completamente parada. E a ausência do processo se dá em uma esfera maior do que a gestão escolar. O problema encontra

suas raízes na falta de políticas públicas, na ausência da “mão” do Estado para inúmeros alunos, pois estes, muitas vezes não possuem nem alimentos em sua mesa quiçá computador, telefone móvel e Internet.

5. Qual(is) aprendizado(s) poderemos extrair desta experiência?

Sem querer causar polêmica, mas já causando, o aprendizado que podemos extrair dessa experiência como professores é de que a luta ainda precisa ser de direito à educação para todos. Como disse antes, a luta é maior do que a esfera da gestão escolar.

6. Como você imagina que a pandemia do COVID-19 impactará na educação de agora em diante?

Impactará, infelizmente, segregando os que não têm acesso a tecnologia, ou seja, o aluno da escola

“Impactará, infelizmente, segregando os que não têm acesso a tecnologia, ou seja, o aluno da escola pública, principalmente de localidades mais distantes, no interior do Estado”

pública, principalmente de localidades mais distantes, no interior do Estado, pois estes estão sem aula e quando retornarem haverá um calendário especial (reduzido) enquanto que a rede particular continua com aulas em EaD ou tele aulas, ou seja, estarão à frente dos alunos advindos de grupos menos favorecidos.

SOBRE O(A)S AUTORE(A)S

(Organizador e Entrevistado(a)s)

Alexandre Martins Joca

Professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (*Campus* de Cajazeiras). Graduado em Letras (2000) e Pedagogia (2016), Mestre (2008) e Doutor em Educação Brasileira (2013) pela UFC. É professor colaborador do Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS (UFCG - *Campus* de Cajazeiras). Atua, principalmente, nos seguintes temas: Direitos Humanos, Gênero e Diversidade sexual, juventudes, questões étnico raciais, educação sexual escolarizada e pesquisa educacional. Atualmente, é presidente da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP).

Anderson da Silva Almeida

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2014) onde também fez mestrado (2008-2010) e especializou-se em História Contemporânea (2006-2008). Entre 2002 e 2016, cursou Licenciatura em História pela Universidade Católica do Salvador. Desenvolve pesquisas com foco no período da ditadura civil-militar (1964-1985) com abordagem voltada para a História política e a História do Tempo Presente, como também as relações de Memória, História e Biografias históricas. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas, atuando na Graduação e Pós-Graduação (Mestrado).

Conceição Vasconcelos Pereira

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Aluna de Pós-Graduação em Letras (Doutorado em Linguística-UFPA), Docente da Educação Básica (SEDUC_PA), lecionando, no município de Abaetetuba, no 2º Ano Regular, na 4ª Etapa do EJA Fundamental e 1ª e 2ª etapas do EJA – Ensino Médio. É também docente da Educação Superior (ESAMAZ).

Idalina M Almeida de Freitas

Professora Adjunta na Universidade Da Integração da Losofonia Afro-brasileira, *Campus* dos Malês/BA. Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre (2007) e Doutora (2012) em História Social pela Pontífica Universidade Católica de São Paulo, onde foi bolsista FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Tem se dedicado a pesquisas na área de História, Gênero e Trabalho; Diáspora Africana nas Américas e Mundo Atlântico.

Irene Rodrigues do Nascimento

Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com especialização em Formação de Formadores e os processos de Coordenação pedagógica, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Funcionária pública da Rede Municipal de Maracanaú (Região metropolitana de Fortaleza) desde 2012, tendo iniciado na docência em 2000 na iniciativa privada. Atualmente leciona no 1º ano do Ensino Fundamental (Alfabetização).

Kamila Sousa

Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) atuando no desenvolvimento de pesquisa e extensão sobre Educação do Campo e Juventudes.

Letícia Carolina Nascimento

Mulher Travesti, Negra e Gorda. Pedagoga e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestre e doutoranda em Educação pela mesma instituição. É vinculada aos seguintes núcleos e movimentos sociais: NEPEGE/UFPI, FONATRANS, RIMAS e GPTRANS/PI.

Lucineia dos Santos

Pedagoga pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG – *Campus* de Cajazeiras/PB); Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Cajazeiras/PB (Zona rural).

Maria Stela Maioli Castilho Noll

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1992), com mestrado (1997) e doutorado (2002) em Ecologia Ecosistemas Terrestres e Aquáticos pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado no IBB-Unesp (2010). Atualmente é docente no Departamento de Zoologia e Botânica - IBILCE - UNESP (Câmpus de José do Rio Preto/SP). Credenciada nos Programas de Pós-Graduação em Biologia Animal (IBILCE-UNESP) e Biocênicas (IBILCE-UNESP) e cadastrada no Centro de Aquicultura da Unesp. Desenvolve pesquisas nas áreas de limnologia, zooplâncton, predação por invertebrados planctônicos, relações tróficas.

Natália Coêlho Bagagim

Licenciada e Mestra em Letras. É Professora da Educação Básica na zona rural do município de Ouricuri/PE, lecionando nos anos finais do Ensino Fundamental.

AINPGP

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

OPG / AINPGP

 **BSERVATÓRIO**
DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO

 **EDIÇÕES**
AINPGP